

DE APRENDER A APRENDER A SER

F. Carvalho Rodrigues
Martim Lapa

DE APRENDER A APRENDER A SER *

F. Carvalho Rodrigues
Martim Lapa

* Conferência proferida pelo Prof. Doutor F. Carvalho Rodrigues, no auditório do Museu das Telecomunicações, em 30 de Maio de 2008 durante as Jornadas do IADE desse ano.

*Aos que foram Alunos nos últimos 40 anos,
Aos que forem Alunos nos próximos 400 anos*

Ouvimos dizer. Muitas vezes. Muitas. Entre a maior parte dos que estão hoje a entrar e dos que estão a sair com diploma do IADE. Ouvimos até governantes afirmar que quando se sai de uma Escola, não se sabe nada. Assim. Tal e qual. Sempre me fez muita confusão. Na Universidade ou na Escola, depois de cinco anos de estudar, sempre me pareceu que sabiam, que sabem muito. Sempre estranhei, sempre, que até Ministros – meu excelente Professor Fernando Garcia, até Ministros digam que quando se sai da Escola não se sabe nada. É comum, ouvir dizer. Especialmente, entre vocês dizer: ando na escola, saí da escola e não sei nada. Fazem exames que de facto medem o que sabem e sabem imenso. Ainda não são é nada. Mas saber, sabem imenso.

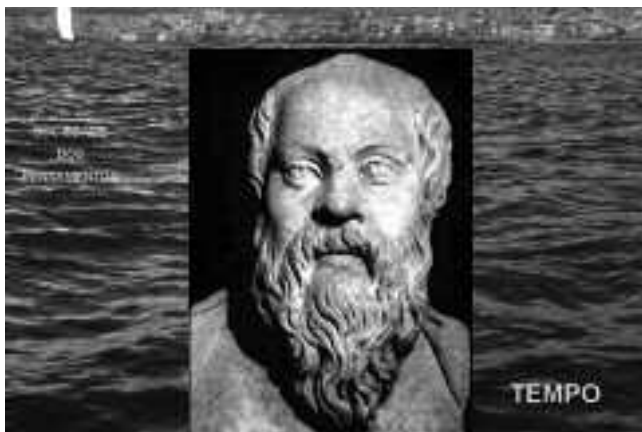
Quanto mais Aprenderem, mais, melhor e mais depressa podem Aprender a Ser. Se não tiverem Aprendido não vão, nunca, Ser. E quem tiver

Aprendido a um nível superior vai, poder, aspirar a Aprender a Ser àquele nível a que Aprendeu. Um dia Será nos patamares mais elevados de desempenho.

Aprende-se na Universidade. Aprende-se a Ser no trabalho. É-se na vida.

A única Faculdade onde se Aprende e se Aprende a Ser no mesmo local é a de Medicina. Depois da Faculdade os licenciados em Medicina vão Aprender a ser Médicos no Hospital que fica paredes meias com a Faculdade. É o único caso. E nós começamos a Aprender num Ser que nós nunca verdadeiramente Somos. Quando as nossas Mães nos tiveram, nós éramos, e depois fomos um dia uma sociedade de pensamentos. Nós vivemos, entre nós, entre muitos de nós, uma sociedade de pensamentos. Alguns que confessamos a toda a gente. Outros, que não dizemos a ninguém, mas rigorosamente a ninguém; o que é um mistério. Quando as

nossas Mães nos tiveram e quando tivermos cento e quarenta anos, o nosso corpo não é o mesmo, os átomos de que somos feitos hoje não são os átomos de que seremos feitos amanhã. Eu, hoje, irei almoçar com o Senhor Director Geral; os átomos, logo à tarde, de que eu serei feito não são os mesmos de que sou feito agora. No entanto, aos quatro anos, aos catorze e aos vinte e quatro e aos cento e quarenta o que chamamos a nós próprios permanece o mesmo. Com a Web, a rede, dizem, contudo, que apareceu aí uma coisa nova chamada “second life”, a “segunda vida”. Dizem que é muito novo. É só agora, no século XXI que há a tal “segunda vida” na web. Mas Platão inventou o que era o lado obscuro da sociedade dos pensamentos. Hoje chama-se-lhe a segunda vida. Tem muito mais de dois mil anos, portanto. É que na Net, cada um de nós e cada um de vocês se julga invisível e invencível.



E este Senhor, Platão, um dia disse para se ouvir ao longo dos tempos: Se quiserem saber qual é a vossa ética é simples: a vossa ética é aquilo fariam se fossem invisíveis e invencíveis.

Por detrás de um teclado de computador, nós sentimo-nos invisíveis e invencíveis. E aí está.

Vivemos uma segunda vida. "Second life".

Julgamos, proclamamos então que é novo.

Quando começamos a aprender isto? Quando?

Muito, muito cedo. A primeira idade do homem é a idade do tempo, começa o tempo assim.



Começamos a Aprender para depois Aprender a Ser. Quem não Aprender que é possível andar só, em cima de duas pernas. Nunca andaré em cima de duas pernas. E como é que se Aprende que se tem que andar só em duas pernas? – A ver os outros andar. A copiar. E há um dia que cada humano se ergue, caminha e passa a Ser. É. Fica cometido a andar como todos os outros, de pé. Claro que vai dar cabo da coluna. Mas, esta ambição, de andar em pé, teve primeiro que ser Aprendida. Não é possível ser humano sem

primeiro Aprender o que é Ser humano. Há um dia que se é humano. A criança dá os primeiros passos. E esta é a idade da criança. Teve que aprender imensa coisa: teve que Aprender o que é língua. Teve que Aprender, antes de enfrentar a adolescência, a ser racional. A ser lógico. A procurar a verdade. Teve que aprender a buscar a verdade através de regras de linguagem. E como é que inventámos as regras de linguagem, a lógica? Como é ficámos racionais? Ah! Isso foi muito simples – foram as mães, as tias e as avós.

É-se, assim, muito pequenino. Queremos agradecer às mães, às tias e às avós, mesmo que elas não sejam as biológicas. Há um dia que elas nos dizem: - Fernando António, no meu caso, e no caso do Senhor Professor, Fernando, o que é que estás a fazer? E ainda há uma fórmula pior: - Fernando, o que é que estiveste a fazer? Bem, a princípio, mirramos a alma e o corpo e não dizemos nada, passados mais uns tempos afirmamos: – Não estou

a fazer nada. Passados mais outros tempos, depois de se ter Aprendido as regras da linguagem. Aprende-se então a ser, então, racional. Nesse momento, pega-se num facto qualquer bem estabelecido e por lucubrações absolutamente válidas de lógica, explica-se, prova-se que não se podia estar a fazer outra coisa. E se julgam que isto é tão pouco importante, olhem, assistam, participem um dia num debate no Parlamento. Diz a oposição: – o que é que anda a fazer? – Ah, na, na, – o que é que andaram a fazer? – é igual. Nunca nos libertámos do que aprendemos como regras de linguagem.

Depois de as Aprender. Aprendemos a Ser racionais, lógicos. Porquê? Porque aprendemos o que eram regras de linguagem. Ou seja, lógica. O método foi o de responder à pergunta: o que é que estás a fazer? Eu descobri isto numa variante interessantíssima que se passou entre mim e um sobrinho meu.

Eu, mais ou menos como todos os homens deixamos

andar os garotos à vontade, e uma das grandes, das grandes diferenças que há, entre nós homens e as mulheres, a maior de todas é talvez: nós homens, à mais pequena desculpa, voltamos a brincar, à mais pequena. As senhoras. Uma vez as meninas ficam adultas. Adultas, já não brincam. Podem brincar com...para aprendermos, mas de resto... de resto, é uma diferença importantíssima que define como se Aprende a ocupar a vida no mundo.

Eu vou-vos contar o que me aconteceu: como sabem eu tenho uma canoa, uma canoa das de vela erguida. Um dia, num Domingo, fui andar de canoa com um grande fotógrafo, meu Amigo, o Viana Martins. Ele veio com dois filhos que ele tem. Um de nove anos e outro de sete; dois rapazes. Almoçámos na Moita e durante o almoço porque a nortada é como é, tem que se fazer um bordo por ali, onde há um estaleiro, que é no Gaio Rosário.



Eu disse-lhes: temos de passar por lá, e vamos primeiro ali pelos piratas. Depois, se aquilo estiver tudo calmo. Fazemos um bordo directo até Lisboa e por aí fora. De modo que os garotos estavam loucos para ir ver os piratas. Mas estavam cheios de medo por ir ver os piratas. Durante o almoço aquilo foi num crescendo até chegar ao tal estaleiro. Na canoa os dois calados que nem uns ratos. Ansiosos para ver os piratas. Só que, quando virei de bordo e vinha já a caminho do Mar da Palha, por aí fora, no Rosário havia nesse dia uma largada de touros. Antes de largar os touros, meia

hora antes, suponho, atiram um morteiro para o ar para avisar as pessoas para saírem da rua. E tudo aquilo parecia como nos filmes de piratas, fazia pschhhht... BOUM! Um grande fumo, um clarão e diz o mais velho, intensamente para mim: – Talvez fosse melhor ligar o motor. Passados oito dias, a mesma volta, a mesma coisa. Desta vez com o Senhor Almirante Rodolfo, a filha e duas netas de nove e sete anos. A mesma coisa ao almoço vamos virar aos piratas. Elas não queriam nada ir ver os piratas. Achavam aquilo tudo uma estupidez. Se tinham medo dos piratas porque é que queriam ver os piratas? Mas o avô e eu estávamos com aquela coisa dos piratas, a mãe não se manifestava, que remédio tinham elas se não ir também ver os piratas. Lá fomos. Também, caladas que nem uns ratos. Passam o estaleiro. Bordo para o lado de Lisboa e diz a mais velha para a mais pequena: – Não é nada piratas que eu estive a ver e é tudo gente normal! Ou seja: elas tinham

aprendido a estudar comportamento. Eles não. E, portanto, como não aprenderam, não eram ainda capazes de ser observadores de comportamento. E o que é que se segue, depois, a esta idade? Segue-se a idade de Aprender a Ser... jovem, que é a adolescência. E então o que é se tem que Aprender aqui? Tudo o que houver para Aprender. E tem que se Aprender muito cedo. Os grandes pianistas começam aos quatro anos a tocar. Não é sequer partituras. É a tocar uma nota. Passam anos a tocar a mesma nota.



Eu tive a felicidade de trabalhar durante alguns anos com um Senhor que era talentosíssimo. Era soprador de vidro. O Sr. Nuno. O Sr. Alberto Nuno, era um profissional extraordinário. O Sr. Alberto Nuno fazia o impossível com vidro. Um dia, o Sr. Alberto Nuno, em conversa, diz-me:

– Olhe, eu já vou tendo uma idade, era bem, que tivesse um aprendiz.

– Excelente; então põe-se um anúncio para um aprendiz.

– Não, não! ou ensino o meu filho ou não ensino mais ninguém.

Se assim é, eu disse, então está bem. É assim. É assim, naquelas profissões. Sabem que primeiro ensinam para o aluno Aprender, a seguir Aprender a Ser e depois Ser. E vi o bom do Senhor Alberto Nuno trazer o filho que tinha na altura o décimo primeiro ano e dezassete anos. Durante um ano aquela criatura não fez outra coisa senão: o Pai dava-lhe uma vara de vidro para as mãos e

durante oito horas por dia ele rodava a vara entre os dedos. De vez em quando o Pai dizia:

– Estás a andar depressa demais.

Outras vezes gritava exasperado. O Senhor Alberto Nuno exasperava-se.

– Estás a andar devagar demais.

E durante um ano ele Aprendeu a rodar o tubo de vidro, para depois passado um ano, começar a Aprender a Ser, soprador de vidro. Mas quando passado um ano e durante toda a vida lhe cair uma barra de vidro nas mãos ele rodá-la-á à velocidade certa porque tinha Aprendido. Sem Aprender nunca se É verdadeiramente. Porquê? Porque só fazemos bem aquilo que se faz sem dar conta. Quando se dá conta é muito complicado. Aliás desconfiem sempre muito de alguém que diz que é capaz de tomar muitas decisões. Porque quando se toma uma decisão é quando não se faz a mínima ideia do que se há-de fazer. Até lá, até à decisão fazemos. Vamos por uma rua, há uma bifurcação, para a direita ou para a

esquerda... não estão lá indicações algumas, não está lá nada... então tomamos uma decisão e diz-se: vou para a esquerda e SDQ. Isto é tomar uma decisão. Agora fazer, as coisas da vida, nós temos que as fazer, primeiro Aprendendo e depois Sendo. Por essa altura, sem dar conta Aprendemos a respirar e portanto somos seres que respiram. Quando se dá conta de como é que se respira e tem que se tomar uma decisão tem que ir de imediato ao médico. E esta variação é importantíssima. É Aprender para depois Aprender a Ser e um dia... Ser. Mas, a verdade é que, nunca, efectivamente se é. Há um dia que se entra na terceira idade da vida para ficar completamente apaixonado. Isto é que nunca verdadeiramente se Aprende. Como não se Aprende nunca se É suficientemente. Por isso, meu estimado Professor Fernando Garcia, venho agradecer-lhe, porque o Professor Fernando Garcia é daquelas pessoas por quem se fica apaixonado.



É daqueles que foi, com a geração de António Quadros, Mestre Lima de Freitas, Mestre Manuel Lapa, Arquitecto Costa Martins, Mr. John David Bear, Mestre Rafael Calado, Mestre Manuel da Costa Cabral, Mestre Eduardo Nery, um dos pilares que há nas catedrais que aguentam o edifício. Um edifício construído para o tempo, o IADE:

O meu Prezado Professor Fernando Garcia.

E como é que se vai na vida fazendo o que tem para se fazer e fazendo cada vez melhor?



Fazendo algo de que agora até há um Ministério. Vejam bem. O que quer dizer que não fazemos a mínima ideia do que é. De cada vez que há um Ministério de qualquer coisa desconfiem porque, normalmente é porque essa coisa não há. João XXIII, o Papa, disse o que é fascinante e verdadeiro: quando se fala muito seja no que for é porque isso não há. Quando se fala muito de paz – É porque há uma guerra pegada; quando se fala muito no ar – O ar está envenenado; quando se fala muito na

água – A água está poluída; quando se fala muito da terra – Não há planeta para nós. Há um mistério daquilo que é passar pela porta que dá para o futuro e de Aprender de cada vez outra coisa nova para criar o futuro. Mas é Aprender.

E o que é o futuro? – Nós estamos aqui nesta sala. Sabemos o que é o futuro? – Será, quando passarmos por aquelas portas que dão para lá desta sala. Por isso, o futuro é uma porta nova que abrimos. Se passarmos por uma porta nova, está lá um futuro diferente. Se passarmos por aquelas portas. As que já estão nas paredes desta sala está lá o futuro que sempre esteve. Agora, se abrissemos outra porta ali onde não a há, por essa porta, íamos para o futuro novo.

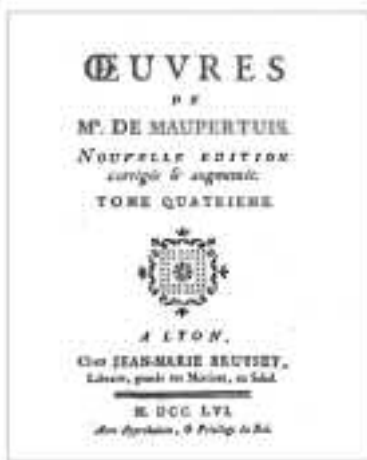
E lembrem-se de uma coisa. Depois de Aprender, recordem um ensinamento de Goethe: “nunca se vai tão longe como quando não se sabe para onde é que se vai”. Quando se sabe para onde é que se vai, vai-se só, e exclusivamente, até lá. Mas quando não se

sabe, vai-se muito longe e vai-se pela mão de quê? –
Do que se chama inovação.



Ora disto até há um Ministério. De facto até há muito pouco tempo, até há quinze dias não sabia bem o que é que era. Quando perguntava a alguém o que é inovação, havia um mistério. Tem Ministério. Tem directores gerais, técnicos superiores principais, contínuos, motoristas. Até há quinze dias não sabíamos o que era Inovação.

Contudo, do que ao longo de quatro anos, tem sido feito, estudado e aprendido erigindo o IADE hoje temos resposta para o que é a inovação. O que é? O que é que faz criar do nada? Sim, antes de tudo, há... nada. Para que tudo venha do nada, tem que haver inovação. O que é que é a inovação? A inovação, quando se pergunta a alguém o que é... Eles, mostram uma biblioteca. Volume atrás de volume. Isto quer dizer que ninguém faz a mínima ideia. No IADE, entretanto, apercebemo-nos que houve um senhor que foi vítima da censura. Da censura que há em Ciência, na Arte e na Ciência da Arte que é o design. Porque a Ciência, a Arte e o Design, a tal ciência da arte também são uma religião. Como em tudo, há a censura e a censura impediu que uma descoberta no século XVIII, nos meados, de facto, em 1744, ficasse obstruída durante anos. A descoberta deve-se a este senhor, Monsieur de Maupertuis.



ACCORD
DE DIFFÉRENTES LOIX
DE LA NATURE
Qui avient jusqu'à présent incompréhensibles. page 1

Eu percebo que se tenham querido esquecer desta cara. Agora do princípio que ele descobriu é que não. Este Senhor, de Maupertius que contribuiu de uma forma decisiva para se saber medir a forma da terra; para se saber como é que é o planeta, impôs-se, a si próprio, a tarefa de descobrir um princípio que fosse um princípio que explicasse todos os princípios. Na altura em que viveu havia quatro; o princípio da luz que vai de um lado para o outro no menor tempo possível; havia as leis do

Newton. Eram todas encaradas como distintas e não resultados obtidos de um princípio único. Para de Maupertius não podia ser. Tinha que haver um princípio de onde derivavam outros. E o Senhor de Maupertius descobriu o princípio a que se veio chamar o princípio da menor acção que para os senhores estudantes do IADE deve ser uma lição excelente, porque é o princípio do mínimo do esforço. O princípio do mínimo de acção.

16 LOIX DU MOUVEMENT.

lesquelles le mouvement se distribue entre deux corps qui se choquent ; soit que ces corps soient dans , soit qu'ils soient étatiques.

PRINCIPE GÉNÉRAL.

Lorsqu'il arrive quelque changement dans la Nature , la quantité d'action , nécessaire pour ce changement , est la plus petite qu'il soit possible.

La quantité d'action est le produit de la masse des corps , par leur vitesse & par l'espace qu'ils parcourent. Lorsqu'un corps est transporté d'un lieu dans un autre , l'action est d'autant plus grande , que la masse est plus grande , que la vitesse est plus grande , que l'espace est plus étendu . ces Termes



A C C O R D
DE DIFFÉRENTES LOIX
DE LA NATURE

Qui servent à établir pour l'accomplissement de la Nature . page 1

E o que diz o tal princípio do Mínimo de Acção. O tal que sofre do lápis azul da censura da Ciência há mais de dois séculos e meio? Na Natureza, tudo é feito com o mínimo de acção. Se for bem feito é-o com o mínimo de acção.

E o que é a acção? O que é a acção deste... papel? É a energia que levou a fazer este papel vezes o tempo que se tomou a fazê-lo. É simples. Eu quero saber o que é a acção de qualquer coisa. É energia que se gastou a fazê-la vezes o tempo que levou a executá-la. Fácil. Mas não é cultural.

A energia é. O conceito de energia. É recente este conceito. O conceito de energia só apareceu quando a escravatura começou a ser abolida. Só podia ter aparecido nesta altura. Porque, estão a ver, há uma diferença grande entre Aprender e, depois, Aprender a Ser. Tinham que Aprender primeiro o que era o trabalho para depois aprenderem a Ser... a saber o que era energia. Portanto, quando é que os intelectuais,

aprenderam o que era o trabalho? – Quando acabou a escravatura. E o conceito de energia só aparece então com a abolição da escravatura. O que é o trabalho que faz uma força? É a força vezes o caminho que o objecto onde está aplicada percorre. O valor do trabalho da marcha, de andar, é o resultado de multiplicar o espaço do vosso passeio pelo vosso peso. Essas são as calorias que se gastam. A energia.

E a acção? É o produto desta energia vezes o tempo que estiveram a passear. Se a rua for plana e uniforme, passear em linha recta corresponde então, ao mínimo da acção. Se andarem aos ésses demora mais tempo... não estão a percorrer o caminho no mínimo de acção. E é por isso que a luz num meio homogéneo anda em linha recta. E este princípio do mínimo de acção foi estudadíssimo. Houve um Senhor, Euler, que o fez para a mecânica. São as celebérrimas equações de Euler – Lagrange.

PRINCIPIO DO MÍNIMO DE ACÇÃO



Formulado pelo 1.º vez, a 16 de Abril de 1744, por Maupertuis (1748-1799) Apresentado à Academia de Ciências de Berlim, em 1746



Assume expressão matemática exata, ainda que restrita, por Euler (1707-1783) (equação Euler-Lagrange)



Admite-se no domínio científico por Hamilton (1805-1866) (apóia a sua aplicabilidade a qualquer sistema dinâmico; a função de Hamilton torna-se princípio fundamental da mecânica e pilar da teoria contemporânea)

AINDA NÃO É CULTURAL

Um outro, chamado Hamilton, escreveu as equações que são hoje o sustentáculo, o que torna possível, a nossa forma de ocupar a vida (viver é outra coisa). São o que permite ter Net, o que faz haver design, o que dá origem a milhões, triliões de materiais novos, novíssimos e outros que ainda não sabe o que são... mas, o princípio que é conhecido por princípio de Hamilton não é de Hamilton. Aliás ele, também, honra lhe seja feita. Ao senhor Hamilton. Quando escreveu as suas

equações, as de Hamilton, no primeiro parágrafo, disse: isto é o princípio do método do Senhor de Maupertuis, tal como o apresentou em 15 de Abril de 1744. Fez anos há quinze dias. É o princípio do mínimo de acção. Mas o princípio do mínimo de acção é uma coisa terrível. Tão medonha que foi censurado!

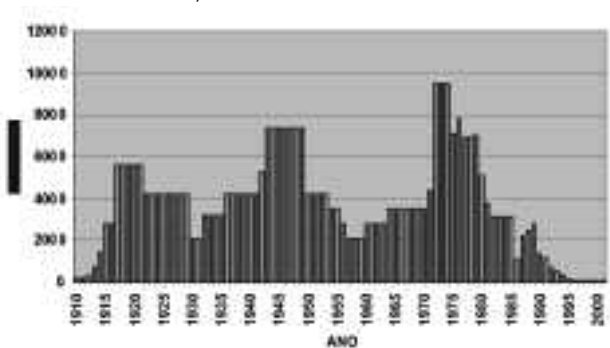
É que o Princípio do Mínimo de Acção quer dizer que há causas finais. Ou seja, que há princípios que estão acima das causas eficazes. Ora este princípio na religião da Ciência não calha bem. É que, então, a água sabe por onde é que há-de ir. O prego sabe, quando se martela, por onde entrar, entortar, partir. É um princípio de causas finais. Diz para onde vai o Universo. No entanto, o princípio do mínimo de acção não é cultural. Estarão a ler o princípio pela primeira vez. Não tem mal. Se forem falar aos Ministérios da Inovação por esse mundo fora, eles também estão a ouvir falar de Maupertuis pela primeira vez. Embora não sendo cultural, é de

acordo com o princípio do mínimo de acção que tudo funciona. E isto tem implicações óptimas no Design, nas Empresas, na Vida.

Porquê? – Bem, se quiserem, podem ter uma medida da eficácia do que poderão fazer. Se o design for bom não gastem o mínimo de energia, despendam o mínimo de acção. No IADE lançamo-nos na descoberta de um parâmetro para medir o grau de inovação ou sequer se houve ou não houve inovação. E o que é que fizemos? – Houve um Senhor, o Professor Doutor Coelho Ramos, que mediu a acção dispendida na instalação dos telefones, hoje diz-se fixos, em Portugal entre 1910 e 1995.

A energia do telefone, da máquina, é constante. Por isso, a acção para instalar o telefone varia com o tempo que se leva a fazê-lo. O gráfico da figura é a do tempo de instalação. Oscila, sobe e desce. Lá está com a grande convulsão em mil novecentos e setenta e quatro e setenta e cinco sobe imenso a acção. Perdeu-se inovação.

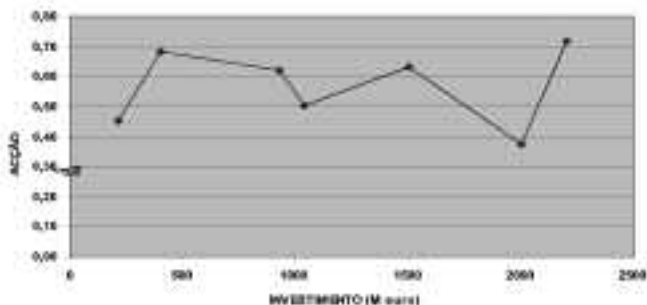
MEDIDA DE ACÇÃO INSTALAÇÃO DE TELEFONES EM PORTUGAL



E isso mostra que a inovação tem a ver, também, com o sistema social em que se insere a descoberta! Mas há ali no gráfico quebras abruptas da acção. Quer dizer: novidades. Sempre que há um decréscimo de acção, está presente uma inovação: Uma nova acção. Depois fizemos uma comparação entre o investimento e a acção.

Estão a ver que atirar dinheiro para dentro das descobertas, às vezes, até piora, aumenta a acção, o esforço. Nalguns casos apareceu mais dinheiro e reparem a acção foi lá para cima. Perdeu-se eficácia. Noutras, menos investimento e maior eficácia.

MEDIDA DA PROFUNDIDADE DE INVESTIMENTO EM INOVAÇÃO



E há aqui quinze dias, a Sra. Professora Doutora Ana Margarida Ferreira, do IADE, defendeu a tese de doutoramento em Design com as medidas desta figura. Mostram a medida da acção no tratamento dos doentes em Portugal entre 1857 e 1950. Claro, a Professora Doutora Ana Margarida Ferreira tem muito bons pulmões.

Teve que respirar o pó daqueles papéis com a história de pacientes desde 1857 até 1950. E o que é que ela foi lá extrair?



Bem, foi lá medir, em medicina, como evolui a acção para curar um doente com o passar dos anos. Com o design de novos produtos, de outros processos, de mais aperfeiçoados métodos em medicina. Como a energia de um homem vivo, ou doente é a mesma, outra vez o tempo é a medida da variação da acção para se curar. Quanto tempo é que o doente ficava no hospital, até se curar. Porque a energia que nós consumimos, deitados, alerta, ou a dormir é a mesma. – É que um terço da nossa energia é gasta para manter o cérebro a

trinta e seis graus e meio. Não é para fazer nada. Nós temos de manter este cérebro imenso, porque somos muito inteligentes, a trinta e seis graus e meio. As veias e as artérias no cérebro distribuem-se como um radiador. Seja o que for o nosso almoço, meu caro Director Geral, vai ser utilizado para arrefecer esta coisa, que é o nosso cérebro... O resto é para pensar e para andar, mas é pouco. Portanto gastamos a mesma energia sempre, o que é um contra-senso que a Natureza fez. A Natureza não nos devia ter feito nada assim. A acreditar no que dizem estamos cá para tomar conta do planeta. Tomemos só conta de nós mesmos, individual e colectivamente. É melhor não começarmos a tomar conta disto senão estragamos tudo. É que ainda não aprendemos. Não sabemos nem de longe nem de perto que chegue. Há mais energia de cada vez que se forma o anticiclone dos Açores, que alguma vez o homem produziu, ou produzirá incluindo as armas nucleares todas juntas. Em Maio, era suposto,

estarmos todos na praia. Está a chover à séria. Ou seja, não somos capazes de prever o tempo a mais do que daqui a três dias. E faço-lhes lembrar que os glaciares derreteram todos e não havia cá tantos seres humanos. – Quando os glaciares decidiram ir todos até onde estão não estavam cá muitos seres humanos. Fábricas não consta que houvesse. E mesmo ali em Foz Côa o mais que faziam eram uns riscos que mal vemos. Por sermos inteligentes somos o maior predador que alguma vez existiu neste planeta. O Tyrannosaurus Rex, comparado connosco, é um bichano de colo. Nós somos verdadeiramente ferozes, nós temos que... comer bifes. Matar vacas para comer bifes. Destruir couves. Cozê-las. E, tudo isto semeia à nossa volta muita destruição. E hoje que vivemos na sociedade do entretenimento o que gastamos em energia para nos divertirmos!! Como todos os predadores o que é que fazemos? Para os predadores a vida é complicada. Devastam uma área. Caçam tudo o

que há. Depois mudam de local, até o primeiro recuperar. Até ao dia em que não há mais locais e... ficam extintos. É assim. Mas, então porque é que a Natureza nos fez a nós tão inteligentes? – E mais: fez-nos com uma capacidade única – De Aprender que é a capacidade de ver para além de nós, de ter causas no futuro.

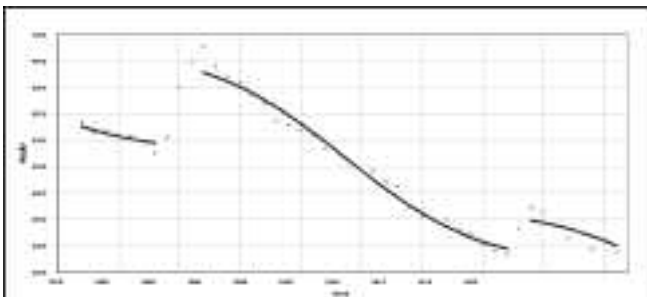
O princípio do mínimo de acção quer dizer que há causas finais, que há causas que estão lá no futuro. Nós temos esse defeito de pensar que as causas estão sempre no passado. É por causa daquele treino, mal balbuciamos, para alegria do mundo: Mamã, Papá – “Ó Fernando o que é que estiveste a fazer?” Explicamos sempre a partir do passado. Mas pode e muitas vezes é o futuro que nos dita a vida. O meu sobrinho, o Pedro, muito pequenino, uma vez, descobriu que as causas estão no futuro. Agora que olho para vós, no fim de contas, eu e vocês Senhores Alunos, estamos aqui no IADE por causa do futuro.

Ao Pedro perguntei-lhe eu de um canto da casa: – Ó Pedro o que é que estás a fazer? Respondeu ele: – Não estou a fazer nada, mas não venhas já. Ou seja. Ele no futuro, queria mostrar-me que nada tinha feito e ia então, modificar o presente. Arrumar tudo para orgulhosamente me mostrar que quando perguntei estava a fazer nada. A acção que se tem que gastar para haver uma cura ao longo dos anos. Para a doença já não ser nada. Aliás à pergunta: Já estás melhor? Quando se está curado diz-se: Estou bem, e acrescenta-se, já não é nada. Nada! Como quando estou a fazer nada! E estão a ver que isto da acção para ficar curado, o número de dias, mede a acção necessária para curar a pessoa, ao longo dos anos, desceu. O design tem sido cada vez mais perfeito. Cada ano que passa traz curas mais rápidas, gastando menos acção. Aproximando-nos do mínimo. Oscila a acção para a cura, e de vez em quando em vez de diminuir a acção aumenta! Aqui, de mil

oitocentos e oitenta e sete para noventa tem um grande acréscimo. E isto sem dizer nada à Professora Doutora Margarida Ferreira, aqueles saltos de aumento de acção intrigavam-me muitíssimo. Não disse nada, para não a desanimar, porque ela ia defender tese passado uns tempos. Logo a seguir aos aumentos de acção havia sempre o início de um decréscimo que levava a um estágio de maior perfeição, de maior eficácia na cura. Mas em 1918 outra vez outro acréscimo. Ou seja, em 1918, para curar é preciso maior acção. O que é um contra-senso, porque a Natureza faz as coisas num mínimo de acção. Tanto e melhor design de equipamento médico, melhores cuidados, porque é que a acção aumentava num salto brusco? Depois, ali em quarenta e sete deu outro salto. Mas isso não me admirava por aí além. Foi o ano que eu nasci. Mas depois houve um dia que eu perguntei à Sra. Professora Doutora Ana Margarida Ferreira: O que

é que aconteceu em 1887/90? E ela disse-me: – Ah! Esse foi o ano da descoberta do Raio X. Ou seja, foi descoberto o Raio X. E tudo me ficou claríssimo. Nós Aprendemos nesses anos que havia Raio X. Depois, tivemos que Aprender a Ser médicos que usam as fotografias feitas com o Raio X. Vocês já devem ter ido ao médico para um Raio X. Eu fico sempre aflito quando o Senhor começa... olha lá para aquela coisa e começa a ver. Nós não vemos lá nada. Olhar, olhamos! Ver, não vemos. E diz o povo: Quem não sabe é como quem não vê! Ele, o médico, olha para a película e começa a dizer se está mal, bem, assim, assim. O que ainda vá. O pior é quando começam a fazer: “ Hãã... Humm...”. Eu estou convencido que eles não vêem lá nada, mas que olham com um olhar entendido, lá isso fazem. O que é que aconteceu? Inventámos, descobrimos a fotografia com o Raio X e o tempo para curar, para sarar, aumenta? A acção, em vez de diminuir com uma grande descoberta,

aumenta? A descoberta, parecia que haveria de fazer a acção diminuir logo. Mas não. Primeiro aumentou a acção. É que no princípio é só uma invenção.



A diferença entre inventar e inovar é esta: inventar é fazer a descoberta naquele instante e depois o sistema tem de se apropriar dessa descoberta, ou seja, primeiro Aprendemos e depois Aprendemos a Ser, a utilizar e só então se É. Só quando É, é que há inovação. E lá está, passados uns tempos, os de Aprender a Ser, a acção desce notoriamente. Mas sem aprender,

sem fazer a descoberta, não há inovação.

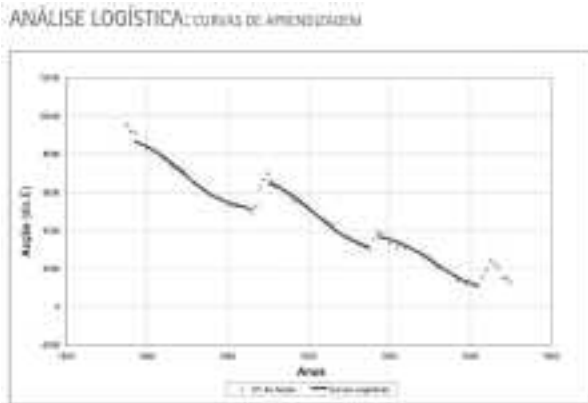
A equação lê-se, então: Inovar é igual a Inventar mais Aprender mais Aprender a Ser.

Em 1918 foi a gripe, a gripe espanhola. E em quarenta e sete foi a descoberta dos antibióticos. Os pacientes ficavam lá mais uns dias para ver o que é que acontecia. Para se aprender a utilizar. De cada vez que há uma invenção, a acção aumenta. Mostra que as pessoas, o comum dos mortais, vocês todos e eu também, nós não gostamos de coisas novas. Nós gostamos de modas. Novo, novo, mesmo novo não se gosta. E é por isso que as invenções, são sempre seguidas de um retrocesso... da acção. Porque não gostamos e depois, porque primeiro Aprende e depois Aprende a Ser. Entre Aprender e Aprender a Ser está esforço acrescido. Mas sem Aprender não é possível Aprender a Ser.

No momento de descobrir está a criatividade. O criativo. Mas sem aprender o criativo não tem expressão. E, como dizia Luís Vaz de Camões, a D.

Sebastião: “Não se aprende Senhor com fantasia”.
Aprende-se com determinação. Cria-se com fantasia. Com ambas é-se inovador.

Ficou, então, estabelecido, há quinze dias, a esta parte, também, com o trabalho feito para algoritmos genéticos na Universidade da Beira Interior, que colabora connosco, do Senhor Professor Doutor Humberto que faleceu dias antes de fazer a sua defesa de doutoramento, que durante estes períodos de Aprender a Aprender a Ser se faz uma evolução de acordo com a curva da logística ou da aprendizagem.



Primeiro aprendemos muito devagarinho. Depois, há um dia que se compreende. Há um dia que se está a marrar aquelas coisas, aquilo está tudo decorado com grande esforço e há um dia que se compreende e tudo fica uma enorme simplicidade de informação.

Antes do teorema de Pitágoras todos os anos eram publicados milhares de tabelas. E os triângulos possíveis eram registados em tijolo. Devia haver uma grande fábrica de tijolo só para esse fim, que era o da publicação dos triângulos possíveis. Para os designers e arquitectos da altura, saberem as medidas dos lados dos triângulos, dos possíveis. Não eram capazes de resolver um triângulo. Aparece a equação de Pitágoras e tudo fica simplificado para o resto da eternidade. Não é preciso, jamais, fazer o registo das listas de triângulos.

É assim quando se está a Aprender. Há um dia que se Aprende. Primeiro. Primeiro faz-se muito

esforço e não acontece nada. Há um momento, que se percebe... e faz a seguir, tudo. Alguns chamam-lhe intuição, outros, criatividade, porque também temos que estar atentos aos ensinamentos que vêm de dentro de nós.

Mas eu vou-lhes dar um exemplo que se passa comigo e que é a trajectória resultado das grandes inovações da Humanidade que permitem que eu viva em Bruxelas e tenha a honra de coordenar cientificamente a Unidade de Investigação do IADE. Venho cá todas as semanas.

São inovações que trouxeram um enormíssimo abaixamento da acção para podermos ir de uns até aos outros. De comunicar. Isto que julgam que são as estradas da Europa são as estradas do Império Romano.



Se eu vivesse no Império Romano já tinha estradas terrestres. Antes dos Romanos não havia. Não havia estradas. Os Romanos, trezentos anos antes de Cristo inventaram, descobrem este mapa. Para vir da terra dos Belgas até à terra dos Lusitanos, que acção é que gastava? Era a energia gasta na viagem vezes o tempo de a fazer. A energia é o meu peso a multiplicar por dois mil e duzentos milhões de metros, vezes oitenta dias, vezes os segundos que tem um dia. A acção seria de:
18 000 000 000 000 000 Joule segundo. Quantas vezes é que eu viria a Portugal? – Nunca! Não

havia Flamengos aqui em Portugal. E foi assim durante milhares de anos.

Até ao dia em que os Portugueses, fizeram uma enormíssima Descoberta. A das estradas do mar. E é por essa Descoberta que Portugal vai ser, quando esta civilização acabar, ainda ensinado nas escolas. Os meninos nas escolas vão aprender o nome de Portugal porque descobriu estas estradas. As estradas do mar. Nós fizemos a descoberta. Não são os descobrimentos. Nós fizemos a descoberta que há um só oceano e que é possível ligar a Humanidade toda por estradas do mar.

E como no Domingo de manhã é de borla eu quero que vocês vão ao Museu Nacional de Arte Antiga. Subam ao primeiro andar do lado esquerdo e vão ver os biombos de Nambam e o primeiro biombo de Nambam que encontrarem do vosso lado esquerdo é a primeira pintura da fotografia da Humanidade. Reparem no barco, na nau que de Portugal chegava ao Japão. Reparem.









Têm os do Brasil, os da África, os da Índia, os da Indochina, os da Arábia, os da China, os Judeus, os Árabes, os loiros, os ruivos, os morenos, os negros, até um com óculos, todas as raças e em terra estão os Japoneses. É a pintura do primeiro retrato de toda a Humanidade. E foi pelas estradas do mar. Aquela é a nau da descoberta. Porquê? – Porque eu para vir de lá dos Flamengos até aos Lusitanos demorava oito dias em vez de oitenta. A acção ainda é um número imenso. Mas é uma

ordem de grandeza abaixo do que era nas estradas terrestres. E uma ordem de grandeza, ou seja dez vezes menos, é de monta. Porque eu, em qualquer momento, fico com a diferença que há entre dez milhões de euros ou cem milhões de euros. A descoberta dos Portugueses trouxe um abaixamento enorme da acção. E sempre que a acção baixa tão consideravelmente há mesmo uma inovação. Quando a acção não baixa, pode ser novo, é, certamente óptimo. Mas é uma moda. Inovação não é! O que é que passou a haver com a descoberta dos Portugueses? – O comércio internacional, passou a haver uma mundialização. Depois os Americanos inventaram as estradas do ar e eu agora transporto-me de lá, das cortes, até à Pátria em nove mil segundos. Venho todas as semanas. Ou seja, a acção para vir da Terra dos Belgas à dos Lusitanos desceu brutalmente com as estradas do ar. Em cada uma destas transformações que as novas estradas trouxeram

o que é que aconteceu? Primeiro tivemos que Aprender. Entre os Portugueses a Aprender a andar no Mar e os paquetes que agora chegam ao cais de Lisboa sem a mais pequena perturbação demorou seiscentos anos. Para que assim seja muitos Portugueses sacrificaram-se para Aprender a Navegar no Mar. Sabia-se que havia estradas do mar para ligar a humanidade. Mas ainda não se tinha Aprendido a Ser Marinheiro, a andar nelas. Os primeiros que embarcaram sabiam que um terço de entre eles morreria. Nos anos dez, vinte, trinta e quarenta do século XX, morreram centenas de pessoas para aprender a voar. Para hoje andar de avião sem pensar. Era inevitável. Sempre que se Aprendeu, descobriu, uma nova estrada foi preciso sacrifício para depois Aprender a andar nela.

E nós somos assim. Nós não temos medo de Aprender. Ou alguns de nós não têm medo de Aprender. Aliás há um momento dessa

aprendizagem que estamos a viver. Estamos a Aprender a viver no espaço exterior. É o momento dos Astronautas. Não fazemos ideia como é que um astronauta vem de órbita. Leva uma dose de radiação brutal. Como não há direcção de gravidade o sangue não circula de maneira eficaz no cérebro. Para ler: aperta um parafuso, demora uma hora. Vêm surdos. A córnea no olho, como não há gravidade, perde a forma. Demora dois dias para o cérebro aprender a ver, a interpretar, o que está a olhar. Nunca viram uma transmissão em directo da chegada da nave, pois não? Era a coisa mais fácil do mundo ver uma transmissão em directo do que lá está, mas ninguém vê. Em televisão, em televisão não dá para ver estas coisas. Nós só saberemos viajar no espaço no dia que uma mulher possa dar à luz, como hoje passado seiscentos anos sobre o sacrifício dos Portugueses pode dar à luz num pacote. Uma criança podia viver num pacote, nas estradas do

mar e crescer em saúde e bem. No espaço exterior ainda não pode. Mas há todos os dias milhares de candidatos para sofrerem ser Astronautas. Houve um até que esteve quase dois anos lá pelo espaço. Veio muito mal. Mas foi para quê? – Para Aprender. Para depois um dia a Humanidade Aprender a Ser viajante no espaço. E noutra Ser e viver no espaço exterior. Primeiro é preciso Aprender para depois Aprender a Ser. Mas, hoje, temos as telecomunicações. Aqui, onde estamos agora, é uma casa das telecomunicações e se a vídeo conferência fosse para além da promessa que é, em vez de vir eu vinha um electrão, que é uma coisa que é zero vírgula trinta e um zeros do kilo e consta que está a fazer dieta. Então... tinha que ir um bocadinho mais longe para estar aqui. Temos que ir a um satélite que está a trinta e seis mil quilómetros, em vez de só andar dois mil e duzentos Kilómetros de Bruxelas ao IADE. Levaria duas

décimas de segundo que é o tempo para ir ao satélite e voltar. De qualquer maneira, a acção é esta:

0,00000000000000000000000000722 Joule segundo. Ou seja, as telecomunicações trouxeram uma tamanha redução na quantidade de acção que toda a gente anda nelas para ir de uns até aos outros. Nas estradas de informação, que são do tempo. Quando fizerem o esforço para Aprender, lembrem-se que têm de fazer esse esforço para depois, Serem. E nunca hesitem em Aprender mais.

Por Amor de Deus nunca digam – “isto não me vai servir para nada”. Há pessoas que afirmam “estou a aprender isto, mas não serve para nada. Não me vai servir para nada. Ou não me serviu para nada”. Sabem; o que é que querem dizer? Querem dizer que elas não aprenderam o suficiente para serem capazes de utilizar o saber, naquilo que eles São. São amorfos, sem ambição.

São pouco. Ficaram resignados por ali. Ficaram abatidos por ali. Cheios de canseira que agora se diz stress. Não são, nem foram alunos do IADE. Não há conhecimento nenhum, nenhum, que não seja relevante para a nossa vida. O Professor Fernando Garcia é um exemplo, disso, toda a vida. Nunca rejeitou saber mais e por isso... foi sempre mais, um exemplo.

E estas cinco estradas, as Terrestres dos Romanos, as do Mar dos Portugueses, as Aéreas dos Americanos, as do Espaço Exterior dos Russos e as das telecomunicações envolveram-nos num Mundo Novo. Porque é um mundo que é uma espécie de teia, onde nos sentimos invencíveis e invisíveis. Mas não é, nem estamos. Porque os donos do servidor sabem onde é que estamos metidos. E nós vivemos num mundo que é curiosíssimo.

É um mundo que é governado pela maneira como vemos esta imagem.



Se eu perguntar a todos, o que está ali?

Dizem-me e eu também diria: é um triângulo. E por ter desenhado o triângulo fora de contexto, o mar em frente a Lisboa, Lisboa, o galeão do Sado e tudo o resto desapareceu. Só ficou o triângulo nas vossas mentes. É assim que se fazem as notícias. Algo fora de contexto. Porque hoje, nós encontramos-nos no mundo assim: Sem nos tocarmos. Sem comunicar. Este é a forma como nos encontramos no telemóvel, na televisão, na web.



Depois do telégrafo nós passámos a ser capazes de mandar informação separada de comunicação. Até ao telégrafo nós tínhamos que mandar um mensageiro, uma pessoa, para chegar lá, ver gente e comunicar. Depois do telégrafo mandamos a informação separada da comunicação. Entretanto houve um Senhor chamado Edison que inventou a lâmpada. O telégrafo com a lâmpada deu a televisão. Passámos a enviar imagens. E então, dizemos que vivemos na sociedade da informação. Até vemos o telejornal. Agora

imaginem que a pessoa que lê o telejornal, a vossa favorita, o vosso favorito leitor de Telejornal. Suponham que ia lá até à casa. A de que eu mais gosto, por exemplo. Era muito simpática para mim, se ela lá fosse. Chegava lá e desfiava: - Olhe, hoje morreram não sei quantos no Afeganistão; na China caiu não sei quê e não sei quê e vêm aí uns senhores lavar as mãos com Palmolive que é para ver que é tão bom e a seguir não sei quê. Acabava com o Senhor Mourinho, competentíssimo, que está no Inter de Milão, e é de facto excelente. E, esteja descansado, amanhã estou cá em casa à mesma hora, às oito horas. Ninguém estava lá em casa no dia seguinte depois desta conversa, pois não? Não se aguentava isto lá em casa. Aguentava-se que alguém, mesmo que se gostasse muito da pessoa, tivesse aquela conversa durante três quartos de hora? E depois dissesse – olhe eu amanhã estou cá à mesma hora. Mudávamos a fechadura de casa.

Mas como é só informação sem comunicação ligamos a televisão. Porquê? Para ser entretidos. Porque um programa sério de televisão não existe. Os programas, mesmo os ditos sérios, são de espectáculo e de entretenimento. Nós, os humanos o que mais gostamos de ver é a performance, o desempenho ao mais alto nível, de outro ser humano. Pode ser intelectual ou pode ser dos Jogos Olímpicos, ou agora do Campeonato Europeu, ou de Design: – uma peça, é performance. Nós adoramos isso.

Mas neste mundo, em que há muita informação e quase nenhuma comunicação, neste mundo, só há pensamento, não há pensadores. Nenhum de nós, ser físico, existe neste mundo. Pelo telemóvel, na web. Só existem os nossos pensamentos, tanto quanto formos capazes de os suportar em linguagem, em qualquer das suas formas. Se não forem capazes de articular aquilo que vos vai dentro, não existem neste mundo dito virtual.

Porque não são capazes de vos expressar. Não há design sem a sua expressão. E portanto é preciso Aprender para saber exprimir-se. Escrevendo, falando e criando expressão. Seduzindo. No fim design, marketing, publicidade, arte, são sedução. No mundo dos media também não há observadores. Embora pareça muito importante quem vai à televisão. Quem vai à televisão é observado, não é observador. É ele que é observado. E, no entanto, para os humanos, a pessoa na posição de poder é quem vai observar. O Senhor Director Geral quando passa é quem observa. Não é ao contrário. Agora se ele desse em directo na televisão era ele o observado. Se ele desse todos os dias a fio em directo... bom, é melhor não falar nisso. Então, o virtual é um mundo que é diferente. E é um mundo que julgamos que é mais fácil, mas não é. Quando se vivia só num mundo restrito, em que só era possível passar a informação comunicando, a mensagem ia pelo mensageiro.

As pessoas nas aldeias, nos bairros das cidades, buscavam a informação que era a relevante para a sua acção. Estava perfeitamente separada da informação como entretenimento, porque estava junta com a comunicação.

Hoje, com uma pletora de informação e sem nenhuma comunicação nós temos quantidades de informação que não têm nada a ver com aquilo que queremos fazer, com aquilo que temos para fazer, com o que temos para Aprender. Gastamos uma energia brutal a rapar a informação dali, de nós, para fora. A informação que não tem nada a ver com a nossa acção e que não nos serve para seja o que for é-nos oferecida, vendida, em doses maciças. Essa informação é entretenimento puro. Há quem fique viciado nela.

É muito fácil, é mesmo muito rápido, acontece sem nos apercebermos, o vício de sermos constantemente entretidos. Não se deixem viciar em ser entretidos. Todos temos que discernir qual

é a informação relevante para a nossa acção.

No entretanto, ficámos muito chocados e dizemos: “temos de proteger a nossa privacidade”.

Ao mesmo tempo, afirmamos que vivemos numa aldeia global. Eu nasci numa aldeia. Nas aldeias e em bairros da cidade quando se fazia uma asneira, quando se chegava a casa já sabiam. Não convinha nada, mas era assim. Tu, Senhor António Ferro, vivias na Linha, não era aldeia. Mas fazias uma asneira em Cascais ali, o Senhor Director Geral fazia umas asneiras – emendo - o Senhor Director Geral nunca fez asneiras. Claro que, naquela altura, quando chegava a casa já sabiam. Era um sarilho. E tudo porque numa aldeia não há privacidade.

Por isso se se diz que o Mundo é uma aldeia global, privacidade é coisa que não vai haver. Tenham cuidado com a segunda vida. Quando é a segunda vida (second life) julgamos que somos invisíveis e invencíveis...

E, contudo, é preciso habituarmo-nos que o mundo também é feito na quarta idade, na idade de luta. E é preciso que vocês aprendam a lutar. Porque, sabem, vocês os Alunos do IADE, que têm dezoito, vinte e tal anos e seja que outra idade tenham estão a Aprender para Aprender a Ser. Agora que têm vinte anos tenham serenidade a Aprender. Há, por trás de cada um o lobby para arranjar, para vos arranjar um trabalho para Aprenderem a Ser logo que acabem os vossos cinco anos de Aprender. É imenso e implacavelmente activo esse vosso lobby e é feito à medida de cada um. Os Pais, os Tios, os Professores, o Gabinete de Gestão de Carreiras do IADE, toda a gente anda a proclamar “olhe que tenho lá fulano de tal com qualidade, está a acabar de Aprender no IADE, veja lá se arranja qualquer coisa”. E eu que julgava que isto era exclusivamente Português um dia, fiquei tristíssimo, quando li um estudo de Harvard que saiu em 1994. Chama-se *Getting a Job*. Arranjar

um Trabalho. Encontrar o primeiro trabalho para começar a Aprender a Ser. Li o livro, era uma tese, um estudo. Fiquei tristíssimo. Então não é que nos Estados Unidos da América, oitenta e cinco por cento das pessoas arranjam o primeiro trabalho e ou o primeiro cliente através de um conhecido? Ou seja, a cunha não é uma coisa Portuguesa. É da natureza humana.

Aprendam com intensidade e bem. Há um lobby a trabalhar para vocês agora que entraram no IADE. Mas, se não Aprenderem agora, aqui no IADE, ao mais elevado nível quando aos quarenta, cinquenta anos o que vocês estiverem a fazer, ou tiverem Aprendido a Ser, tenha desaparecido ou vá evoluir para outra coisa, ou têm uma formação sólida de princípios, para Aprenderem a Ser outra coisa, de facto o que quiserem, ou aos quarenta, cinquenta anos não vai lá estar seja quem for para fazer lobby para vos arranjar outro trabalho. Se não houver outra, é nessa altura que ter Aprendido

conta. Para poder Aprender a Ser tudo ou um pouco mais em qualquer altura.

Há uma pessoa que temos hoje todos como muito inteligente e, de facto, é muito inteligente, o Senhor. Dizem que é o homem mais rico do mundo. Isso, talvez não seja, porque os mais ricos do mundo chamam-se do petróleo. E eu conheci um dos Rockefeller que a Fortune quis entrevistar para a lista e ele recusou-se a recebê-los. O senhor da Fortune mandava-lhe dizer; mas olhe que fulano vale tanto, sicrano vale tanto, e ele deu-lhes pelo intermediário a resposta: “se eles sabem quanto valem, valem pouco”. Porque os cartéis do petróleo,! há no petróleo quem faça vários milhões de dólares por segundo. Porque o petróleo é só de sete companhias.

Mas, Bill Gates. Há uma mítica à volta do Bill Gates. Merecida e justa. Eu vou-vos contar a história real de Bill Gates. Bill Gates fazia software, lá na garagem que a Mãe financiava. O

tal lobby aos vinte anos. Acontece que a Mãe de Bill Gates era uma grande accionista da IBM. E por acaso, na altura até era amiga, ela e a família dela, do Presidente executivo da IBM. Quando a IBM, que deixou agora novamente de fazer computadores pessoais e portáteis, para voltar a fazer só os grandes computadores das empresas porque aí é que está o dinheiro (mas isso é outra história). A história é que quando a IBM decidiu produzir o célebre PC, a Mãe do Senhor Bill Gates foi até ao seu Amigo, Presidente da IBM e disse: “ porque é que não põe o meu rapaz a fazer o sistema operativo... dos nossos PC, dos nossos? da IBM” e foi assim que Bill Gates ficou muito inteligente e como é muito rico e para bem da companhia, da empresa dele, a história verdadeira, real, da Mãe, do tal lobby aos vinte anos, não é alguma vez mencionada. Não lhe levem a mal não mencionar a Mãe (ela certamente teve razões de se orgulhar e muito dele). Ninguém

que chega a desempenhos muito elevados diz quem foi a primeira cunha que tiveram para o primeiro trabalho, mas agora que “Getting a Job” está publicado sabemos todos que todos tiveram, todos tivemos. Aos vinte anos... E ele foi rico, porquê? Claro que houve o empurrão inicial, mas ele tinha Aprendido software. Depois teve esta saída, este primeiro trabalho, esta primeira encomenda obtida através de um “conhecido” do lobby que todos temos aos vinte anos. E, com a IBM Aprendeu a Ser um excelentíssimo engenheiro e empresário. Tal como todos vocês vão ter um lobby a trabalhar para vocês para vos arranjar a primeira oportunidade. Mas depois, ele Aprendeu a Ser. Isso é um enormíssimo mérito. É que ele primeiro Aprendeu, e depois com uma pequena ajuda Aprendeu a Ser e foi ao mais alto nível. Mas, primeiro aprendeu aos seus níveis mais elevados a matemática do software. Depois com a IBM aprendeu a ser Engenheiro, Empresário e ser lutador.



E houve outro dia que ficou ajuizado, ficou a saber que no mundo nunca se chega bem a Aprender até ao fim.

Em cada idade, na quinta idade do Homem, também é preciso Aprender de novo e Aprender a fazer sentido com o que se faz para ocupar a vida e a preparar-se para aquilo que é a maior descoberta da humanidade: que os netos podem ser confiados aos Avós. Somos a única espécie que o faz. Nenhuma outra entrega aos Avós os Netos. E esta descoberta trouxe para a nossa espécie, como consequência, a libertação e a mobilidade para aqueles que estão na pujança física e intelectual. Trouxe para nós a capacidade para ser leal para além de nós. Trouxe para nós a capacidade de aprender a cooperar. Trouxe que somos os únicos com a biologia para fazer viagens no espaço por entre as estrelas. E mostrar que o Príncipe Peter Kropotkine e não Darwin tinha razão.

Quando Darwin disse que a sobrevivência, o sucesso de uma espécie, que está centrada na luta pela sobrevivência do mais forte estava a ver só uma ínfima parte. Acontece que quando se escreve a equação da luta pelo mais forte não há sobrevivência de ninguém. Porque no fim fica, de facto, o mais forte. Ele morre e acabou a espécie. Para o Príncipe Peter Kropotkine que escreveu um livro; Mutual Aid na tradução inglesa. Cooperação, Ajuda Mútua. Afirma “– Não, não, nada disso, uma espécie tem tanto mais sucesso quanto maior for a capacidade dos seus seres individuais cooperarem, entre si”. E eu pergunto: seria possível caçar leões se todos os grupos de leões colaborassem entre si? Não seria. É possível caçar elefantes em manada? Não é. Caça-se um elefante que está doente, sozinho e por isso, fora da manada. Dentro da manada é impossível. E nós, Homo Sapiens Sapiens, ocupamos a Terra do Pólo Norte ao Equador, do Equador ao Pólo Sul porque

temos esta capacidade de cooperar uns com os outros que aprendemos na convivência dos Netos com os Avós.



É com esta ligação dos Netos aos Avós, que podem não ser sequer biológicos. É aprender para aprender a dar o primeiro passo. Se quiserem saber se uma pessoa já está em idade de ser avô é vê-la a andar com um garoto pequeno. Se a criança a andar à velocidade dele está em idade de ser Pai. Se, pelo contrário, o adulto for à velocidade do

garoto está na idade de Avô. Não tem que saber. No dizer de um amigo meu, também há uma razão suplementar para os Netos e os Avós se darem tão bem. Têm um inimigo comum: os Pais.

Mas há, nisto da biologia profunda, o acontecer do que é a nossa vocação. E que vos dá a respeito aos que vos disserem “você não sabem nada” vocês respondam sempre: “sabemos muito ainda não somos nada”. E se essa pessoa vos der um trabalho ou fizer uma encomenda, a primeira, digam-lhe que podem Aprender a Ser como ela nunca viu. Garantam-lhe que o farão mais eficazmente, mais depressa que todos os outros e que verá que o vosso desempenho está muito acima da média, porque para além de aprenderem a Ser inexcelíveis no gesto da profissão terão o entendimento aprofundado, inovador, do que fizerem. É que daqui a cinco anos têm um diploma que mostra e demonstra que têm a vontade, a determinação e que são

capazes de aprender bem e muito depressa. Vocês vão ser Designers e Empreendedores num ambiente de que eu vos vou falar. O nosso ambiente, a nossa casa, não é só este planeta. Uma espécie que viva só num planeta não tem futuro. O planeta vai acabar, inexoravelmente. E não é o aquecimento global da moda. Aliás noutra dia ouvi alguém que me dizia:

– Então mas isto... o planeta está a aquecer? E eu disse:

– Pois está.

– Mas então, porquê?

– Porque está ao Sol!

Não tem que saber. Perante a perplexidade que o óbvio causa, perguntaram-me:

– Então e porque é que de vez em quando arrefece?

– De vez em quando tem uns vulcões que fazem uma data de poeira. É como ter um véu em cima, não chega cá tanta luz e isto arrefece um bocado.

Já repararam que os dias maiores são em Junho e os dias de grande calor são em Agosto. O tempo que vai de Julho a Agosto é o tempo que a Terra leva a aquecer. Põe-se a água ao lume (eu acho que nem isso sei fazer). A água ao lume leva muito tempo a aquecer. Agora, quando se fala de ambiente, o nosso ambiente, não é só este planeta. Nós somos a única espécie que tem a biologia para viver na nossa casa que é única, é o Universo. Nós, com esta a biologia de Avós até aos Netos somos os únicos com biologia certa para a viagem no espaço exterior. Neste planeta, uma pessoa com sessenta anos viajou três anos-luz. Não damos conta mas, nós neste momento estamos a andar a onze mil e seiscentos quilómetros por segundo. Nós, a Humanidade toda andou, viajou, já catorze mil e quinhentos anos-luz. Qual foi o truque? Geração atrás de geração. Neto até Avô. Vão ser designers das novas geometrias, dos novos materiais, empresários de novos conceitos, que

nos vão levar para a nossa casa que é o Universo. Mas temos que fazer durar esta que é o nosso berço, a nossa maternidade. Não estragar o ar, não é por causa da Natureza. É porque nos dá jeito para respirar. Não estraguem muito a água, senão depois não podemos nadar. Não podemos lá pescar. Não podemos beber a água.

Mas não é por causa da Natureza. A Natureza quer lá saber se estamos cá ou não estamos cá. A Natureza já extinguiu completamente a vida neste planeta nove vezes. Mas nós temos esta biologia que é de Neto até ao Avô. E um dia quando soubermos andar no espaço. Ou seja quando uma mulher tiver uma criança no espaço e ela puder lá crescer vamos mandar comunidades, de neto a avô numa nave e eles sem darem conta com sessenta anos já andaram três anos-luz. E os netos dali a sessenta anos mais outros três anos-luz e assim sucessivamente. Sem dar conta. Porque Aprendemos e Aprendemos a Ser e

Somos. Os grandes atletas Olímpicos, primeiro Aprenderam a saltar, a correr, a lutar, depois Aprenderam a Ser atletas e quando foram atletas concentraram-se para que o salto, a corrida e a luta se façam sem dar conta. Só quando o fazem sem dar conta é que conseguem. Se na altura da competição não tiverem estudado e praticado milhares de vezes, chegam ao momento da competição e ficam a pensar, são obrigados, porque lhes falta o estudo, a prática, o treino, a tomar decisões. São eliminados, por muito talento e promessa que tenham dentro deles. São eliminados. Dão desculpas. Se têm talento têm mesmo razão para ficarem envergonhados, porque eles sabem que não estudaram, não treinaram, não praticaram o suficiente para na altura que conta executarem sem dar conta. E já sabem só se faz muito bem o que se faz sem dar conta. Presumivelmente deixaram-se viciar pelo entretenimento.

Mas, aqueles que têm o afinco e sabem que não há substituto para o estudo e para a prática, os que fizeram esta trajetória de Aprender ao mais alto nível e de praticar, sem fim, para Aprender a Ser e Serem sem dar por isso, naturalmente, como se, a performance, lhes fosse uma segunda natureza; São os campeões.

Por isso a estrela mais próxima a Alfa Centauro que está a quatro anos-luz está ali à mão de duas gerações. Inicia a viagem na nova comunidade, na nave, quando é criança, é neto. O avô já não vai lá chegar. Mas, ele quando for avô vai lá chegar e vai ter um neto que vai lá ficar. O neto vai contar a história e lembrar-se. Portanto, viajar no espaço exterior está-nos destinado. Viajar, nós fazemos uma viagem para ir até casa. O Universo. Os designers e os empreendedores são quem vai abrir o caminho com a Arte da Ciência dos novos produtos, dos novos conceitos.

Aprendam porque a vocês já vai calhar muita coisa para além do que é o mundo nesta idade que é a sexta idade em que somos Avós. E depois, nas sete idades do homem, é sempre a aprender para depois Aprender a Ser e Ser. E, por muito triste que possa parecer, há um momento que os Gregos diziam que era o único para o qual se devia Aprender e Aprender a Ser toda a vida; e esse é o momento em que vamos aprender a morrer.



Mas é toda a vida a Aprender para depois... Aprender a Ser... e um dia Ser. Não há intervalo. Não consintam que alguém e muito menos na antecâmara dos vossos maus pensamentos digam “eu não sei nada”. Porque, de facto nunca se Aprende tudo e por isso nunca se É completamente. Nós somos aquilo que Aprendemos antes e aquilo que Aprendemos a Ser depois. Estão numa grande Escola que é o IADE. Não de hoje. Mas feita de Ser há quarenta anos. Aproveitem e Aprendam. Não desperdicem esta oportunidade de Aprender. Nós temos muito orgulho no que aqui Aprenderem para um dia, termos, ainda mais, no que Aprendam a Ser e venham a Ser noutra, em qualquer lugar. Para já. Aprendam. Concentrem-se nisso, há um lobby imenso a tratar de para onde irão Aprender a Ser. Mas isso é daqui a cinco anos. Por agora, Aprendam com determinação. Criem com fantasia. Não há substituto nem para o estudo, nem para a prática. Bem-vindos.

Página 21 - Lima de Freitas. *O amante de fogo*.
óleo sobre tela, 1971.

Ficha Técnica

impressão:

tiragem:

Lisboa, 2008